

DAVID GRANN

Assassinos da Lua das Flores

Petróleo, morte e a criação do FBI

Tradução

Donaldson M. Garschagen
e Renata Guerra



Copyright © 2017 by David Grann

Publicado mediante acordo com The Robbins Office, Inc. e Aitken Alexander Associates Ltd.

Proibida a venda em Portugal

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Killers of the Flower Moon: The Osage Murders and the Birth of the FBI

Capa

André Hellmeister

Foto de capa

Cortesia de Raymond Red Corn

*Todos os esforços foram feitos para identificar os fotografados. Como isso não foi possível,
teremos prazer em creditá-los, caso se manifestem.*

Preparação

Officina de Criação

Revisão

Carmen T. S. Costa

Isabel Cury

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Grann, David

Assassinos da Lua das Flores : petróleo, morte e a criação do FBI / David Grann ; tradução Donaldson M. Garschagen e Renata Guerra. — 1ª ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2018.

Titulo original: Killers of the Flower Moon : The Osage Murders and the Birth of the FBI.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-359-3074-0

1. Assassinos – Investigação – Estudo de casos 2. Assassinos – Oklahoma – Condado de Osage – Estudo de casos 3. Índios osage Indians – Crimes contra – Estudo de casos 4. Estados Unidos – Departamento Federal de Investigação – Estudo de casos 1. Título.

18-12515

CDD-976.6004

Índice para catálogo sistemático:

1. Assassinos de índios osages e o nascimento do FBI :

Investigação : Estudos de caso 976.6004

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORAS SCHWARZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/cialetras

Para minha mãe e meu pai

K A N S A S



CONDADO DE KAY

Ponca City •

CONDADO DE NOBLE

K



Burbank •

L

Fairfax •

A

Gray Horse •

Rio Arkansas

CONDADO DE PAWNEE

MISSOURI



CONDADO DE OSAGE OKLAHOMA

0 Milbas 5 10 15
0 Quilómetros 10 15

St. LOUIS SCHOOL

H

Pawhuska

O

Bird Creek

M

Bigheart

Bartlesville

A

CONDADO DE
WASHINGTON

Hominy

Rio Arkansas

CONDADO
DE TULSA

Tulsa

Sumário

CRÔNICA PRIMEIRA: UMA MULHER MARCADA

1. O desaparecimento	15
2. Morte natural ou assassinato?	28
3. O Rei das colinas Osage	37
4. Reserva subterrânea	51
5. Os discípulos do diabo	72
6. O Olmo do Milhão de Dólares	87
7. Criatura das trevas	100

CRÔNICA SEGUNDA: O INVESTIGADOR

8. O Departamento da Amoralidade	123
9. Os Caubóis dissimulados	134
10. Eliminar o impossível	141
11. O terceiro homem	148
12. Um deserto de espelhos	155
13. O filho do carrasco	159
14. Últimas palavras	174
15. A face oculta	181

16. Pelo aperfeiçoamento da agência	189
17. O artista do gatilho, o arrombador de cofres e o dinamitador	197
18. A situação do jogo	206
19. Traidor do próprio sangue	225
20. E que Deus os ajude!	245
21. A Estufa	259

CRÔNICA TERCEIRA: O REPÓRTER

22. Terras fantasmas	277
23. Um caso em aberto	294
24. Em dois mundos	304
25. O manuscrito perdido	315
26. A voz do sangue	320

<i>Agradecimentos</i>	333
<i>Sobre as fontes</i>	339
<i>Fontes de arquivo e inéditas</i>	341
<i>Notas</i>	343
<i>Bibliografia selecionada</i>	369
<i>Créditos das imagens</i>	383

CRÔNICA PRIMEIRA

Uma mulher marcada

Não havia mal que pudesse estragar aquela noite auspiciosa, porque ela estivera à escuta; não havia voz do mal; nenhum pio de coruja teria perturbado a quietude com seu tremor. Ela sabia disso porque estivera à escuta a noite toda.

John Joseph Mathews, *Sundown*

1. O desaparecimento

Em abril, milhões de flores minúsculas se espalham pelas colinas de carvalhos e as vastas pradarias no território dos índios osages, no estado americano de Oklahoma. Amores-perfeitos, magnólias, jasmins-mangas. O grande historiador e escritor John Joseph Mathews (1894-1979), de sangue osage, disse que a constelação de pétalas fazia parecer que “os deuses haviam jogado confeite”.¹ Em maio, quando os coiotes uivam sob uma lua enorme, plantas maiores, como o coração-roxo e a margarida-amarela, começam a despontar entre as menores, roubando-lhes luz e água. Os talos das flores se quebram, as pétalas saem flutuando pelos ares e em pouco tempo jazem sepultadas sob a terra. É por isso que os osages dizem que maio é o mês da lua que mata as flores.²

Em 24 de maio de 1921, Mollie Burkhart, moradora do assentamento de Gray Horse, em Oklahoma, desconfiou que alguma coisa tinha acontecido a Anna Brown, uma de suas três irmãs. Aos 34 anos, quase um ano mais velha que Mollie, Anna estava desaparecida havia três dias.³ Ela costumava sair para “farras”, como a família dizia, com desprezo: dançava e bebia com amigos até

o amanhecer. Mas dessa vez passou uma noite, depois outra, e Anna não apareceu no alpendre da casa de Mollie, como de costume, com o cabelo preto comprido levemente despenteado e os olhos escuros brilhando como contas de vidro. Quando entrava, Anna gostava de tirar os sapatos, e Mollie sentia falta do ruído reconfortante de seus movimentos, vagarosos, pela casa. Agora, reinava um silêncio tão imóvel quanto as planícies.

Mollie já tinha perdido uma irmã, Minnie, cerca de três anos antes. Sua morte havia sido incrivelmente rápida, e, apesar de os médicos a terem atribuído a “uma rara doença debilitante”,⁴ Mollie tinha lá suas dúvidas: Minnie contava apenas 27 anos e sua saúde sempre fora perfeita.

Como os pais, Mollie e suas irmãs tinham o nome inscrito na Lista dos Osages, o que queria dizer que estavam entre os membros registrados da tribo. Significava também que eram donas de uma fortuna. No início da década de 1870, os osages tinham sido transferidos de suas terras no Kansas para uma reserva pedregosa, supostamente sem valor, no nordeste do estado de Oklahoma, onde décadas mais tarde foram descobertos alguns dos maiores depósitos de petróleo dos Estados Unidos. Para prospectarem o petróleo, os interessados em explorá-lo tinham de pagar royalties e arrendamento aos osages. No começo do século xx, cada pessoa inscrita na lista passou a receber um pagamento trimestral. De início, a quantia não ia além de uns poucos dólares, mas com o tempo, à medida que se extraía mais petróleo, esses dividendos chegaram a centenas e depois a milhares de dólares. Os pagamentos aumentavam a cada ano, como os riachos da pradaria que se encontravam para dar lugar ao largo e barrento rio Cimarron, até que os membros da tribo acabaram acumulando, em conjunto, milhões e milhões de dólares. (Só em 1923, a tribo recebeu mais de 30 milhões de dólares, o que equivale atualmente a 400 milhões de dólares.) Os osages eram considerados a população mais rica do mundo em fortunas particulares. “Acredite se

quier!”, comentou o semanário *Outlook* de Nova York. “O índio, em vez de morrer de fome [...] desfruta de rendimentos que fazem os banqueiros morrerem de inveja.”⁵

O público ficou chocado com a prosperidade da tribo, que contradizia a imagem dos indígenas americanos no tempo dos primeiros contatos violentos com os brancos — o pecado original que concebera o país. Os repórteres sideravam seus leitores com histórias sobre a “plutocracia osage”⁶ e os “milionários vermelhos”,⁷ com suas mansões de tijolos e cerâmica, suas luminárias, anéis de brilhante, casacos de pele e carros com motorista particular. Um escritor se admirou de que as garotas osages frequentassem os melhores internatos e usassem roupas francesas de luxo, como se “*une très jolie demoiselle*” dos bulevares de Paris tivesse por acaso irrompido nessa cidadezinha da reserva indígena”.⁸

Os jornalistas, ao mesmo tempo, se agarravam a qualquer vestígio do modo de vida tradicional dos osages que pudesse evocar na mente do público as imagens de índios “selvagens”. Uma reportagem de 1924 falava de um “círculo de automóveis de luxo, ao redor de uma fogueira ao ar livre, cujos donos bronzeados, en-voltos em mantas coloridas, assam carne à maneira primitiva”⁹. Outra documentava um grupo de osages chegando para uma cerimônia de danças indígenas num avião particular — uma cena que “superava a capacidade de descrição do ficcionista”.¹⁰ Resumindo a atitude pública em relação aos osages, o *Washington Star* disse que “aquela velha lenga-lenga — ‘Oh, o pobre índio’ — deveria ser corrigida para a mais adequada — ‘Uau, o rico pele-vermelha!’”¹¹.

Gray Horse era um dos assentamentos mais antigos da reserva. Esses postos avançados — inclusive Fairfax, uma cidade vizinha maior, com cerca de 1,5 mil habitantes, e Pawhuska, a capital dos osages, com uma população que superava 6 mil pessoas — mais pareciam alucinações. As ruas fervilhavam de caubóis, caça-

* “Uma moça muito bonita”. (N. E.)

dores de fortuna, fabricantes de bebidas clandestinas, videntes, curandeiros, marginais, agentes de polícia, financistas de Nova York e magnatas do petróleo. Os automóveis corriam em alta velocidade pelas pavimentadas trilhas de cavalos, e o cheiro de combustível amortecia o perfume da relva. Grupos de corvos compenetrados observavam, pousados nos cabos telefônicos. Havia restaurantes, anunciados como cafés, além de teatros de ópera e campos de polo. Mollie não gastava dinheiro tão desbragadamente quanto alguns de seus vizinhos, mas construiu uma bela e espaçosa casa de madeira em Gray Horse, perto da antiga cabana da família — de sapé, paus trançados e esteiras. Tinha diversos carros e uma equipe de serviços — os lambe-botas dos índios, como muitos assentados chamavam pejorativamente esses trabalhadores migrantes. Os serviços eram quase sempre negros ou mexicanos, e no começo da década de 1920 um visitante manifestou seu desdém ao ver “até brancos”¹² executando “todas as tarefas domésticas subalternas a que nenhum osage se rebaixaria”.

Mollie tinha sido uma das últimas pessoas a ver Anna antes de seu desaparecimento. Naquele dia, 21 de maio, ela se levantara ao amanhecer, hábito adquirido nos tempos em que seu pai costumava rezar para o Sol todas as manhãs. Estava habituada ao coro de cotovias, mergulhões e tetrizes, agora abafado pelo barulho das máquinas que perfuravam a terra. Ao contrário de muitas de suas amigas, que haviam abandonado as vestimentas osages, Mollie levava uma manta indígena sobre os ombros. Também não cortara o cabelo curto, à moda da época, pois preferia mantê-lo bem comprido, caindo sobre as costas, o que destacava seu rosto marcante, de maçãs altas e grandes olhos escuros.

Seu marido, Ernest Burkhart, levantava-se com ela. Branco, de 28 anos, era um sujeito atraente como um figurante de filmes de faroeste: cabelo castanho curto, olhos cor de ardósia, queixo



Mollie Burkhardt.

quadrado. Só o nariz destoava: era como se tivesse levado um ou dois socos num bar. Criado no Texas, filho de um agricultor pobre que cultivava algodão, ele se encantara com as histórias das colinas Osage — vestígios do Oeste selvagem americano, por onde, diziam, índios e caubóis ainda circulavam. Em 1912, aos dezenove anos, ele fez a mala e, como um Huckleberry Finn zarpando em busca de território, foi morar com o tio, um tirânico criador de gado chamado William K. Hale, em Fairfax. “Ele não era do tipo que pedia para fazer alguma coisa¹³ — ele ordenava”, disse Ernest certa vez a respeito de Hale, que desempenhou o papel de seu pai. Embora sua ocupação central fosse prestar serviços ao tio, Ernest às vezes trabalhava como motorista de praça, e foi assim que conheceu Mollie, choferando-a pela cidade.

Ele gostava de beber às escondidas e jogar o pôquer aberto dos índios com homens de má reputação, mas sua rudeza parecia encobrir ternura e um traço de insegurança, e Mollie se apaixonou. Tendo o usage como língua materna, ela aprendera um pouco de inglês na escola, mas mesmo assim Ernest estudou até conseguir conversar na língua dela. Mollie era diabética e recebia os cuidados de Ernest quando suas articulações doíam e seu estômago queimava de fome. Ao saber que outro homem estava interessado na índia, sussurrou-lhe que não podia viver sem ela.

O casamento não foi fácil para eles. Os grosseirões de quem Ernest era amigo ridicularizaram-no por ser “homem de bugra”. E embora as três irmãs de Mollie tivessem casado com brancos, ela se sentia obrigada a um casamento osage arranjado, como o de seus pais. Mesmo assim, Mollie, cuja família praticava uma mistura de catolicismo e ritos osages, não conseguiu entender por que Deus a fizera encontrar o amor para depois tomá-lo. Então, em 1917, ela e Ernest trocaram alianças e juraram amor eterno.

Em 1921, já tinham uma filha, Elizabeth, de dois anos, e um menino, James, de oito meses, apelidado Cowboy. Mollie também



Ernest Burkhart.

cuidava da mãe idosa, Lizzie, que havia se mudado para a casa dela depois de enviuvar. Lizzie temia que Mollie morresse jovem, devido ao diabetes, e pediu aos outros filhos que tomassem conta dela. Na verdade, era Mollie quem tomava conta de todos.

Aquele 21 de maio tinha tudo para ser um ótimo dia para Mollie. Ela gostava de receber amigos e estava organizando um almoço. Depois de se vestir, alimentou as crianças. Cowboy tinha terríveis dores de ouvido, e ela assoprava os ouvidinhos do menino até ele parar de chorar. Naquela manhã, Mollie, cuja casa era mantida em estrita ordem, dava instruções aos serviços e ocupava todo mundo — menos Lizzie, que estava doente, de cama. Disse a Ernest para ligar para Anna, pedindo-lhe que ajudasse a cuidar de Lizzie. Anna, a mais velha da família, tinha um status

especial aos olhos de Lizzie, e ainda que fosse Mollie quem cuidasse da mãe, a primogênita, apesar do temperamento tempestuoso, era a mais mimada.

Ernest disse a Anna que a mãe precisava dela, e ela prometeu pegar um táxi na mesma hora; de fato, apareceu pouco depois. Calçava sapatos de um vermelho vivo, combinando com a saia e uma manta indígena. Portava uma bolsa de pele de crocodilo. Antes de entrar, ela penteou às pressas o cabelo desfeito pelo vento e empoou o rosto. Mesmo assim, Mollie observou que seu andar era instável e que ela arrastava as palavras. Anna estava bêbada.



*Mollie (à dir.)
e suas irmãs
Anna (centro)
e Minnie.*

Mollie não disfarçou seu descontentamento. Alguns dos convidados já haviam chegado. Entre eles, os dois irmãos de Ernest, Bryan¹⁴ e Horace Burkhardt, que, atraídos pelo ouro negro, haviam se mudado para o condado de Osage e quase sempre ajudavam o tio Hale na fazenda. Uma das tias de Ernest, que não escondia suas ideias racistas sobre os índios, também estava de visita, e a última coisa que Mollie queria era que Anna provocasse a velha ranzinza. Anna ficou descalça e começou a fazer uma cena. Pegou um frasco na bolsa, abriu-o, e um cheiro forte de uísque falsificado impregnou o ambiente. Alegando que precisava esvaziar o frasco antes de ser presa — a Lei Seca vigorava em todo o país desde o ano anterior —, ofereceu aos convidados um trago do que chamava “o melhor uísque fajuto”.

Mollie sabia que Anna vinha enfrentando muitos problemas. Acabara de se divorciar — o ex-marido era um colono chamado Oda Brown, dono de uma estrebaria. Desde então, passava cada vez mais tempo nos prósperos centros em expansão da reserva, que haviam brotado rapidamente para proporcionar moradia e entretenimento aos petroleiros — cidades como Whizbang, onde, se dizia, as pessoas corriam o dia inteiro e farreavam a noite inteira. “Todas as forças do desregramento¹⁵ e do mal se encontram aqui”, registrava um relatório oficial do governo. “Jogo, bebida, adultério, mentira, roubalheira, assassinatos.” Anna se encantara com os estabelecimentos nos cantos escuros das ruas: lugares que por fora pareciam banais, mas cujo interior escondia salas cheias de reluzentes garrafas de bebida clandestina. Mais tarde, um dos serviços de Anna disse às autoridades que ela bebia muito uísque e tinha a “moral muito elástica¹⁶ com homens brancos”.

Na casa de Mollie, Anna começou a flertar com o irmão mais novo de Ernest, Bryan, com quem já havia saído. Ele era mais introspectivo que Ernest, tinha inescrutáveis olhos de gato e usava